

ADOLFO LUTZ, SANITARISTA

POR

JOSÉ DE TOLEDO PIZA

Ex-médico do Hospital de Isolamento da Capital.

Diretor da extinta Inspeção de Moléstias Infecciosas. Diretor, lotado na Diretoria Geral do Departamento Geral do Departamento de Saúde da Secretaria da Saúde Pública e Assistência Social do Estado.

....“A nossa hygiene está desarmada de indispensaveis meios de acção. Falta-lhe, na parte scientifica, o auxilio de institutos bacteriologico e de analyses chemicas, na parte executiva falecem-se-lhe orgams apropriados e sufficientes, e auctoridade effi-
caz.

Em face das epidemias que nos assolam, vêm-se os encarregados de dirigir o Serviço Sanitario destituídos de meios de verificação positiva que a existencia de um Instituto Bacteriologico lhes pode fornecer. Alem disso, seria indispensavel que o Estado, ligado hoje por tão grandes interesses ao problema da febre amarella, não concorresse com o seu esforço para que seja resolvido”. (1)

Na preciosa síntese desses quatro períodos, Vicente de Carvalho, com a responsabilidade da Secretaria do Interior, a cuja Pasta estavam confiados os problemas da saúde pública, nos primeiros tempos da República, dá conta ao Presidente do Estado da triste herança que, nesse setor, nos legara o regímen monárquico, com a centralização que o caracterizou e que tantos males causou ao país. Nêles se concretizam uma situação e os rumos a serem seguidos para a defesa de São Paulo contra as epidemias que assolavam o Estado, sobretudo as de febre amarela, que constituíam o mais sério problema sanitário.

O brilhante espírito do poeta-secretário não se limitou, entretanto, a constatar os fatos e apontar as diretrizes a seguir. Procurou proporcionar imediatamente aos encarregados da defesa da saúde pública os meios que reputava indispensáveis. O primeiro e o mais seguro passo para uma verificação positiva dos males que afligiam a nossa gente era o que, três menses após, pelo decreto n.º

1) CARVALHO, V. de — Relatório da Secretaria do Interior de 7/4/1892, pag. VI — Tipografia Vanorden — 1892.

43, de 18/7/1892, criava o Instituto Bacteriológico, que, funcionando provisoriamente em salas e prédios adaptados, em 28/10/1896, foi transferido para prédio adequadamente construído, ao lado do Hospital de Isolamento.

Tão grande era a convicção dos administradores de então sobre o papel que o Instituto Bacteriológico viria a desempenhar que, mesmo antes do decreto da sua criação, Cerqueira César, vice-presidente do Estado, no exercício da presidência, por officio de 1/5/1892, solicitava de Gabriel Piza, nosso embaixador em Paris, providências para que fôsse contratado um cientista para dirigir o futuro centro de pesquisas.

Em 29 de junho, o embaixador brasileiro dava conta do resultado de sua missão, nestes termos:

.... "Em resposta á minha carta, o illustre sabio Pasteur recommendou-me para dirigir o Instituto de bacteriologia, "como pessoa muito digna sob todos os pontos de vista", o seu discipulo Felix Le Dantec, antigo alumno da Escola Normal Superior, doutor em Sciencias Naturaes, e preparador do Instituto Pasteur", etc., etc. (2)

Le Dantec foi contratado e assumiu o cargo, em Dezembro do mesmo ano de 1892. Montou o laboratório "com tudo quanto se fazia mister para as importantes pesquisas que lhe competiam", em salas da Diretoria de Higiene.

Teve como assistentes ADOLFO LUTZ e Artur de Mendonça.

Dando início aos seus trabalhos, Le Dantec estudou alguns casos de febre amarela, tendo ido a Santos e frequentado hospitais, na Capital. Realizou autópsias, colheu material para pesquisas, julgando ter podido chegar a algumas conclusões sobre a natureza da febre amarela. Nunca encontrou germes, quer no sangue, quer nos tecidos. No vômito negro verificou a existência de organismos que conseguiu isolar e cultivar, não tendo, entretanto, feito experiências para as verificações indispensáveis em animais para concluir se, de fato, eram os agentes patogênicos da moléstia.

Logo depois, interrompia os seus trabalhos, regressando, licenciado, à França, para não mais voltar.

ADOLFO LUTZ, foi então, nomeado subdiretor do Instituto, para substituí-lo.

Justificando a nomeação, diz o secretário do Interior:

2) MOTTA Jr., C. — Relatório da Secretaria do Interior de 7/4/ 1893, pag 205 — Tipografia Vanorden — 1893.

.... "o conhecimento de seus trabalhos, no paiz, o nome que tem entre os especialistas; a indicação do proprio Director do Laboratorio, que annunciava ser "um brasileiro capaz de dirigir o Instituto", foram por certos os melhores argumentos em prol desta nomeação".

E, prosseguindo nas suas apreciações, afirma:

"São Paulo poderá com o concurso do illustrado bacterologista, não só talvez livrar-se do terrivel mal, como concorrer para que todo o Brasil se premuna contra elle.

Assim, a febre amarella, nosso inimigo periodico, como a morphéa e outras enfermidades que effectem a nossa população, terão no Instituto Bacterologico o meio de serem conhecidas e poder ser atacadas conveniente, scientifica e efficaizmente". (3)

O illustre médico, que foi Cesário Motta, substituto de Vicente de Carvalho, na Secretaria do Interior, não errou no seu prognóstico. Dentro em pouco, o "brasileiro capaz de dirigir o Instituto" dava provas sobejas de seus conhecimentos e de sua ação, por ocasião do surto de "cholera-morbus", verificado na Imigração, a princípio, e, depois, em vários bairros da Capital e em algumas cidades do interior do Estado.

Vejamos o próprio depoimento do Secretário, ao referir o fato:

"Importantissimo foi o serviço prestado este anno por este Instituto.

Logo aos primeiros casos de cholera na Imigração, suscitou-se a duvida a respeito da natureza da molestia: Tratava-se com effeito do verdadeiro cholera asiatico ou de simples cholera?

Não obstante as medidas de prompto tomadas que só a suspeita aconselhava, a maxima energia e afinco nos meios de combate só a convicção as podia dar, e essa convicção a tivemos pelo exame bacterologico das dejeções dos enfermos o qual nos revelou a existencia de verdadeiros *bacillos virgulas*.

Desde então se atacou o mal como a um inimigo terrivel e conhecido. Foi o Instituto quem nol-o revelou e bastaria só este facto para fazer o seu elogio e justificar a sua existencia". (4)

Vários dos trabalhos encetados pelo Instituto, por essa ocasião — é o próprio LUTZ quem nos informa — ficaram quase paralisados, voltando-se tôda a atenção para o magno problema, que o surto de cólera representava.

3) MOTTA Jr., C. — Relatório da Secretaria do Interior de 7/4/1893, pag. XVI — Tipografia Vanorden — 1893.

4) MOTTA Jr., C. — Relatório da Secretaria do Interior de 28/3/1894, pag. LVI — Tipografia Vanorden — 1894.

A atuação de LUTZ não era estática. O seu espírito e as suas atividades não se limitavam às fronteiras dos laboratórios. Onde quer que a sua presença fôsse reclamada para uma colheita de material a ser examinado, um doente suspeito a ser examinado, uma autópsia a ser feita para esclarecer um diagnóstico, uma questão sanitária ou científica a ser investigada, LUTZ estava sempre presente.

Na frieza do seu temperamento e na simplicidade das suas atitudes, escondia permanentemente a ardência do pesquisador inveterado. Por essa razão, sem dúvida, nos intervalos das suas obrigações diárias, ainda encontrava tempo para caçar mosquitos, batisá-los e estudar a sua biologia, fato que não deixava de causar estranheza, irritação ou, quiçá, escandalizar aos opositores das suas idéias, sempre calcadas em segura observação.

Minucioso nos resultados das pesquisas, procurava afastar tôdas as dúvidas que porventura pudessem advir dos seus trabalhos, como se vê nesta advertência de um dos seus Relatórios:

....“Antes de fallar do resultado d’estes trabalhos, devemos lembrar que todos esses assumptos são muito difficeis, tendo já alguns delles resistido a investigações de bacteriologistas eméritos, não se devendo por isso admirar, que os resultados obtidos não estejam sempre em proporções ao tempo e trabalho dispendidos”. (5)

Precavido nas suas decisões, mesmo quando seguro dos seus resultados, não deixava de resguardar-se quanto a futuras críticas. Assim, não obstante a convicção do acêrto do seu diagnóstico em relação aos casos de cólera já referidos, convicção que se patenteia no fato de franquear os laboratórios do Instituto aos colegas que quizessem acompanhar os exames e autópsias, que realizava — situação de que os seus detratores não quizeram se aproveitar — enviou ao Instituto de Higiene de Hamburgo, preparados e culturas dos gérmens, que, isolados dos doentes, haviam sido identificados como sendo cólera.

Na verdadeira batalha travada contra a cólera no Vale do Paraíba, em que nem faltou a má vontade, ou melhor, a hostilidade da imprensa do Rio e do próprio govêrno central, a atuação de LUTZ e seus colaboradores foi decisiva e a saúde pública estadual, afinal, levou a melhor.

5) LUTZ, A. — Relatório do Instituto Bacteriológico, 1893-1894.

Fato semelhante ocorreu por ocasião do aparecimento da peste no pôrto de Santos. Neste caso, após uma série de dificuldades, a vinda de Oswaldo Cruz, recém-chegado da Europa, depois de realizar curso de especialização no Instituto Pasteur, como emissário do govêrno federal, que confirmou os resultados do Instituto Bacteriológico, pôs ponto final na campanha de moralização contra as autoridades sanitárias paulistas, dela saindo, portanto, mais uma vez, engrandecida a atuação daquêles que, cômscios das responsabilidades que lhes pesavam sôbre os ombros, souberam defender a sua terra contra a ignorância e a insídia. Grande parte dêsses louros coube, sem dúvida, a LUTZ e seus colaboradores.

O fato de ter sido clínico antes de ser diretor do Instituto Bacteriológico, muito contribuiu para o sucesso de LUTZ nas campanhas sanitárias empreendidas. Assim, não se contentava apenas com os exames bacteriológicos, que procedia. Quando havia interêsse para a saúde pública, ia mais longe. Completava-os com a observação clínica dos doentes; investigava dados os mais diversos que tivessem relações com o caso em estudo, realizando verdadeiros inquéritos epidemiológicos, que não deixava de completar, quando os doentes faleciam, com a prova decisiva da autópsia esclarecedora.

Neste particular a orientação prática e científica de LUTZ foi das mais sábias, revelando ser um higienista completo.

Assim aconteceu com a febre amarela, quando se bateu pela identidade da moléstia tanto em relação aos casos verificados no interior do Estado, quanto aos do pôrto de Santos e do Rio de Janeiro. Assim, foi, ainda, no tocante à cólera, à peste, e, depois, com as chamadas "febres paulistas", "remitentes", e intermitentes, que encobriam a verdadeira febre tifóide no Estado.

Nesta questão, a luta que elementos de prol da classe médica paulista lhe moveram foi das mais árduas. LUTZ sustentou o seu ponto de vista baseado em provas de laboratório, confirmados pelas maiores autoridades européias, no assunto, mas os seus opositores não se dão por satisfeitos.

Organiza verdadeiro museu anátomo-patológico com peças retiradas em inúmeras autópsias. Descreve com absoluta clareza as lesões encontradas, havendo em muitos casos, perfurações típicas da febre tifóide. Não lhe parece haver dúvida sôbre a natureza da moléstia. Discute o diagnóstico diferencial e põe à disposição dos seus adversários todo êsse precioso material. Não obstante, a Sociedade de Medicina, onde apaixonadas discussões toldaram os espíritos, vota moção que não é favorável à tese por êle sustentada.

A aparente derrota sofrida desgostou-o evidentemente, mas não lhe abateu o ânimo. Portou-se, na conjuntura, como verdadeiro homem de ciência, que era.

O tempo, entretanto, não deixou de lhe dar a vitória. A febre tifóide, dia a dia, foi alijando a "febre paulista", impondo-se ao diagnóstico dos clínicos.

Muita razão lhe cabia, pois, quando ao levar ao conhecimento do Secretário do Interior, no seu primeiro Relatório, as dificuldades notadas na direção do Instituto, considerou como "a maior de tôdas, não dispor o pessoal do Instituto de ingresso livre em algum hospital geral", de modo a poder aproveitar as oportunidades para observação dos casos clínicos e realizar autópsias dos que terminassem pela morte; como já era feito nos Hospitais de Isolamento do Cambuci e dos Lazaros, cujos diretores os auxiliavam nesse trabalho. Com essa prática, apurando-se os diagnósticos e, conseqüentemente, as estatísticas, as medidas de profilaxia seriam asseguradas com maior eficiência, além das vantagens advindas para o próprio tratamento dos doentes.

Não foi naturalmente por outra razão que o prédio especialmente construído para o Instituto Bacteriológico foi localizado junto ao novo Hospital de Isolamento.

Difere tal orientação dos rumos que modernamente se pretende traçar aos sanitaristas, em mais larga escala, tendo o hospital como base para a irradiação de campanhas seguras e eficientes de saúde pública?

Parece que não, desde que não se exagere no papel ou na atribuição que a cada setor deve caber, mantendo-se criteriosamente a articulação que, entre êles, nunca deverá faltar.

Frutos benéficos já produziu por muito tempo prática dessa natureza. Infelizmente, a incompreensão de uns e o personalismo ou a vaidade de outros têm impedido que, mais e mais, ela pudesse ser dilatada.

O que, entretanto, não se compreende é que os administradores a tudo isso assistam impassivelmente.

Por isso, os resultados aí estão aos olhos de todos.

Os Relatórios de LUTZ sempre encararam os assuntos sanitários sob um ponto de vista geral, o que, sem dúvida, concorreu para ação mais pronta e eficiente dos homens de govêrno na luta contra os males que afligiam as nossas populações.

Emílio Ribas, que sempre deu a LUTZ tóda a fôrça do seu prestígio, teve nêle, sem dúvida, um dos seus grandes colaboradores não só para o conhecimento, como também, para o combate seguro aos males que comprometiam a situação sanitária do Estado.

É fora de dúvida que o “homem, que depois de cumprir as suas tarefas diárias ainda dedicava o tempo que lhe restava para descanso ao estudo da vida dos mosquitos, procurando conhecer-lhes os hábitos” deve ter concorrido de maneira decisiva para a realização das experiências de transmissão da febre amarela pelo “*Stegomyia*”, no Hospital de Isolamento de São Paulo, em condições de absoluta segurança.

Isso sem que seja necessário louvar-lhe o gesto de apresentar-se como voluntário para realização da prova, irmanando-se, na atitude ao chefe que tanto o distinguia — o grande Emílio Ribas. Todos sabemos que papel teria cabido a um entomologista nessa experiência. Ele mesmo dá uma idéia dessa sua atuação no magnífico trabalho “Reminiscências da Febre Amarela no Estado de São Paulo”, lido na 4.^a Conferência Sul-Americana de Higiene, Patologia e Microbiologia, em 5/7/1929 (6).

Não deve ser esquecido que, na ocasião, já havia LUTZ realizado trabalho de grande envergadura, sôbre a transmissão da malária pela “*Mizomyia Lutzii*” na Serra de Santos, trabalho que se tornou clássico em todo o mundo.

Precisaremos dizer mais para demonstrar que LUTZ, pela sua atuação frente aos nossos problemas sanitários; pela orientação imprimida na direção do Instituto Bacteriológico onde, em virtude dos trabalhos executados nos setores bacteriológicos, imunológico, epidemiológico e clínico concorreu para o esclarecimento seguro do diagnóstico de moléstias transmissíveis reinantes no nosso meio e sôbre a existência das quais, na classe médica, sérias dúvidas se levantavam, melhorando, dessa forma, as estatísticas em que se deveriam basear as medidas sanitárias a serem aplicadas, se revelou um autêntico sanitarista, ou melhor, um grande sanitarista?

Evidentemente não. Nenhum requisito lhe faltou para que justa e honestamente lhe seja conferido mais êsse título.

Formando colaboradores, que o auxiliaram na grande obra realizada em São Paulo e a ela, mais tarde, deram seguimento, instituiu no Instituto Bacteriológico o primeiro núcleo de medicina experimental no país. Além disso, pela sua atuação, não será exagêro

6) LUTZ, A.— Mem. Inst. Oswaldo Cruz, XXIV, 1930, fasc. 3,127.

afirmar-se também, ter instituído com Emílio Ribas, a primeira escola de sanitarismo, cujos resultados e benefícios desde logo, se projetaram pelo Brasil inteiro. Vieram depois os cursos de Mangueiros e, com a criação da Faculdade de Medicina de São Paulo, o Instituto de Higiene, mais tarde transformado em Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Puderam, assim, os paulistas, graças a ação decisiva de LUTZ, seus colaboradores e discípulos, ver plenamente realizados, em curto prazo, os desígnios e os anseios contidos nos quatro lapidares períodos de Vicente de Carvalho, que abrem êste rápido estudo sôbre um dos aspectos da personalidade do ilustre homem de ciência, cujo centenário comemoramos, e, ao mesmo tempo, ter a confirmação integral da esperança nêle depositada, por Cesário Motta Jr., outro grande Secretário e não menor idealista dos primeiros tempos da República, ambos, como se viu, agindo, numa perfeita identidade de vista e grande descortino, em relação aos graves problemas sanitários de São Paulo e do País.